



Análise do Ofício de Fotojornalista: Atribuições, Técnicas e Percepções¹

Luciana Salviano Marques da SILVA²

Itamar de Moraes NOBRE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, RN

RESUMO:

Analisar a prática do fotojornalista no jornal Tribuna do Norte, sediado na capital Natal, no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Visamos examinar sua rotina, a partir das técnicas da observação participante, da entrevista aberta, pesquisa bibliográfica e do registro fotográfico. Notamos que mesmo com a chegada da tecnologia digital a dinâmica da redação continua intensa, apesar de não mais existir a produção das fotografias analógicas. Com a tecnologia digital ficou mais conveniente produzir fotografia para notícia, tendo em vista a facilitação na edição, que é precedida por uma seleção feita pelo fotógrafo com as fotografias ainda na máquina.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo; Fotografia; Jornal; Repórter fotográfico.

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual, do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 2 a 6 de setembro de 2011.

² Estudante de Graduação do 5º período do curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E-mail: lu_salviano@yahoo.com.br.

³ Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da UFRN. Pesquisador do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústria cultural e cidadania. Integrante do Grupo de Estudos BOA-VENTURA - CCHLA/UFRN, em convênio com a Universidade de Coimbra-Portugal. Membro do Núcleo de Pesquisa: Fotografia, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. E-mail: itanobre@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O fotojornalismo é uma prática cada vez mais importante nos jornais impressos, revistas e portais de internet, em especial com o advento das novas tecnologias digitais. Através das fotografias vinculadas à notícia, esta se torna mais atrativa e podemos vê-la sob um ângulo diferente, compreendê-la melhor, interpretá-la mais detalhadamente. Mas para que isso aconteça é necessário que o texto e a foto estejam em harmonia, no que diz respeito à conexão entre informação visual e textual, com o propósito de atingir aos objetivos do jornalismo, em linhas gerais: informar ao leitor.

No campo jornalístico e fotojornalístico, o trabalho do repórter fotográfico tem sido relevante para a qualificação da notícia. É por causa da fotografia jornalística que a notícia ganha maior credibilidade. O texto visual, no caso a fotografia, afere uma qualidade de atestado, ou o *princípio da atestação* (DUBOIS, 1993. Grifo do autor) do fato ocorrido, elevando o seu caráter de veracidade. Nesse contexto Dubois corrobora a idéia de a fotografia ser prova documental de algo ocorrido ao afirmar que “existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico ‘presta contas do mundo com fidelidade’ ”. (DUBOIS, 1993, p. 25).

Além disso, as técnicas da linguagem fotojornalística apreendidas pelo fotógrafo, sua percepção e a construção dos seus pontos de vista fazem da foto um elemento exponencial para que a notícia seja bem apreciada.

É nesse contexto, que este trabalho se apresenta. Objetivamos analisar a prática do fotojornalista no jornal Tribuna do Norte, sediado na capital Natal, no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Visamos examinar sua rotina, a partir das técnicas da observação participante, da entrevista aberta, pesquisa bibliográfica e do registro fotográfico.

O trabalho foi realizado a partir de visita à redação do jornal a tribuna do Norte para acompanhar o expediente de trabalho de um fotojornalista e observar a sua rotina. Durante a visita pudemos conhecer não só o trabalho do repórter fotográfico, mas também os procedimentos e a rotina da redação, em tempos da tecnologia digital.



A Tribuna do Norte

O jornal impresso Tribuna do Norte⁴ foi fundado pelo jornalista Aluízio Alves (1921 – 2006)⁵ no dia 24 de março de 1950. Foi o primeiro veículo do Sistema Cabugi de Comunicações, do qual fazem parte a Rádio Cabugi AM, Rádio Difusa de Mossoró/RN, Rádio Cabugi do Seridó, Rádio Líder FM em Parnamirim/RN e uma parte da rede Inter TV Cabugi (afiliada da Rede Globo). Em 1960, dez anos após sua fundação, o jornal Tribuna do Norte já produzia em média cinco mil exemplares por dia, tiragem superior a de seu concorrente, “A Folha da Tarde”, de Djalma Maranhão, jornalista e militante comunista, considerado como um dos maiores rivais político de Aluízio Alves.

Atualmente, 61 anos após a sua fundação, o jornal é liderado pelo deputado federal e filho de Aluízio Alves, Henrique Eduardo Alves, que assume a função de Diretor Presidente da Tribuna. Além de Henrique, estão à frente do jornal o diretor de redação Carlos Peixoto e o chefe de redação Vicente Neto.

A sede do jornal está localizada na Avenida Duque de Caxias no bairro da Ribeira. No mesmo prédio também funciona a Rádio Cabugi, que transmite a programação da Rádio Globo AM, além da programação local e faz parte do Sistema Cabugi de Comunicações.

A redação é composta por profissionais especializados nas diversas áreas do jornalismo que buscam diariamente as notícias que comporão a edição do dia seguinte. O horário de fechamento (dead line) do jornal é às 19h. Três repórteres fotográficos se revezam entre os cinco repórteres de texto a cada turno, por essa razão nem todas as matérias possuem imagem para ilustrar a informação. Os equipamentos utilizados pelos fotógrafos são cedidos pelo jornal, bem como o meio de transporte que os levam aos locais da ocorrência do fato a ser notícia, sempre acompanhado por um motorista da empresa.

⁴ O jornal ajudou a sedimentar a imagem de Aluízio Alves em todo o estado, além disso, influenciou aos leitores indecisos a tomarem decisões favoráveis a ele. Assim, podemos dizer que a Tribuna do Norte teve papel crucial na vida política de seu fundador e diretor, e de todos que ele apoiava.

⁵ Além de jornalista, Aluízio Alves era um ativo membro da política estadual e nacional. Durante toda sua carreira política Aluízio Alves atuou como deputado federal, governador e ministro da administração no governo de José Sarney. Com uma visão conservadora, Aluízio Alves apoiou o movimento golpista de 1964 e foi eleito deputado federal pela ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido dos militares.



O jornal tem edição de terça-feira a domingo e conta também com uma edição online, através do site www.tribunadonorte.com.br, espaço virtual onde o leitor pode ler antecipadamente as notícias que serão publicadas no dia seguinte.

O fotojornalismo e seus profissionais

Conta Sougez (1996) que a Guerra da Criméia (1854-1856) marcaria uma nova especialidade no campo da informação: a reportagem de guerra. Nesse contexto considera-se que Roger Fenton, pintor da época, tenha sido o primeiro repórter, embora suas fotografias não tenham agradado pelo fato de serem estáticas demais para retratar a guerra. Mesmo assim, para Sougez (1996, p. 256-257) “O grande impacto do fotojornalismo produz-se logo após a Primeira Guerra Mundial. [...] O primeiro a dar um toque pessoal à fotografia de informação foi Eric Salomon”, posição corroborada por Guran (1992).

Mas a profissão pode ser vista de maneira muito mais ampla. Segundo, Sousa (2000), pode-se dividir o fotojornalismo entre o sentido lato e o restrito, compreendendo modalidades distintas da profissão:

No sentido lato, entendemos por fotojornalismo a actividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou "ilustrativas" para a imprensa ou outros projectos editoriais ligados à produção de informação de actualidade.” Dessa maneira, é possível classificar o fotodocumentário e as fotografias ilustrativas publicadas na imprensa como prática fotojornalística. Enquanto que no sentido restrito a atividade tem a função de “informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar") através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. (SOUSA, 2000, p.12)

A definição pode ser sintetizada como uma atividade ampla, sem fronteiras delimitadas, mas certamente tem como seu principal propósito o de informar através de imagens, como pontua. Dessa maneira, o fotojornalista é o profissional que tem a missão de transformar a notícia em imagem e a cada dia recebe um novo desafio pela frente. A respeito da profissão, Sousa (2000, p.23. Aspas do autor) reforça que

O fotojornalista não apenas reporta as notícias como também as “cria”: as (foto)notícias são um artefato construído por força de mecanismos pessoais, sociais (incluindo econômicos), ideológicos, históricos, culturais e tecnológicos.

Para transmitir a informação e dar vida às palavras, o jornalismo utiliza a fotografia como forma de ilustrar e dar credibilidade à notícia. Portanto, é indispensável que haja a interação entre a imagem e o texto. Algumas características são essenciais para ser um fotojornalista e conseguir transmitir as histórias contadas com maior propriedade. Sousa (2002) define a sensibilidade, a capacidade de avaliar situações e pensar na melhor forma de fotografar, ter instinto, reflexos rápidos e curiosidade, como alguns dos traços básicos de qualquer fotojornalista. Durante o acompanhamento do dia a dia de um fotojornalista, é possível perceber que esses são realmente os estímulos que guiam o profissional da área.

Aspectos gerais do repórter fotográfico em Natal

Durante a coleta de dados acompanhamos o trabalho do fotojornalista Emanuel Amaral, de 31 anos, funcionário do jornal impresso Tribuna do Norte desde 2006. Durante todo seu expediente, no turno matutino, estivemos com ele observando seu trabalho. Observamos a sua agilidade, seus movimentos na cena a ser fotografada e o seu comportamento de abordagem diante da personagem.

Emanuel Amaral começou sua carreira em outro jornal da cidade o Diário de Natal, aonde trabalhou durante nove anos como laboratorista, revelando negativos e copiando fotografias, ainda na era da fotografia analógica. O trabalho no laboratório acabou despertando nele o interesse pela fotografia e a vontade de conquistar novos desafios fez com que logo aprendesse a lidar com a câmera fotográfica. Ele nunca estudou fotografia em cursos regulares e iniciou sua carreira substituindo repórteres fotográficos quando se fazia necessário, até apresentar o seu portfólio à editoria de fotografia da Tribuna do Norte, sendo integrado à equipe após convite.



Foto 01: Emanuel Amaral em atividade de cobertura de pauta.
Autora: Luciana Salviano.



Na prática cotidiana do fotojornalista podemos notar alguns aspectos como curiosidade, atenção e observação, características úteis para se aprender a fotografar. No Rio Grande do Norte muitos aprendem nas mesmas condições do fotógrafo Emanuel Amaral, como autodidatas, sem a formação acadêmica. Assim como Emanuel Amaral no mesmo jornal há fotógrafos que antes desenvolviam a função de motoristas da empresa, aprenderam a fotografar e se transformaram em repórter fotográfico.

As pautas acompanhadas

Nas primeiras horas do expediente, ao chegar no local de trabalho – a redação, a ordem da chefia de reportagem era “fazer a ronda policial e trazer matéria”. Entretanto na ronda policial não existe pauta, somente a obrigação de trazer uma notícia quente (hot news) para começar bem o dia. A equipe sai explorando o campo afim de coletar e apurar dados para a construção da notícia.

Nesse dia a polícia civil entrara em greve, e como já é de conhecimento geral, onde há greve, há notícia. O chefe de pauta informou ao fotógrafo que greve significava foto com faixa, desse modo, a missão era fugir do lugar comum e descobrir uma nova maneira de retratá-la, com o diferencial do senso-comum.

Antes de sairmos da redação, o repórter de texto foi informado do fato de um adolescente haver sido espancado por policiais, no município de Santa Cruz/RN, a 110 quilômetros da capital, Natal. Ele encontrava-se no ITEP (Instituto Técnico-científico de Polícia) para fazer exames de corpo de delito. A equipe o acompanhou, juntamente com a sua mãe ao 8º distrito policial de Natal, situado no bairro da Cidade da Esperança, zona oeste da capital, que por causa da greve era o único que funcionava na cidade.

Chegando ao local, todas as equipes de imprensa já se encontravam lá, em busca de notícias. No local o barulho de uma sirene policial e as luzes de uma viatura policial indica que haverá mais notícias, e como um instinto de competitividade, todos correm para descobrir o próximo assunto que pode virar notícia e lutar para ver quem consegue a melhor foto. Dessa vez a notícia era uma “boca de fumo”⁶ na cidade de Parnamirim (região metropolitana de Natal) que havia sido descoberta e os policiais conseguiram prender três pessoas, entre eles um adolescente de 16 anos.

⁶ Local onde se vendem drogas.

A greve provocou muitas pautas, entre elas as reclamações da população que se dirigia às delegacias para realizar Boletins de Ocorrência, mas voltavam sem resolver o problema, já que com a greve da polícia civil, os policiais só trabalham realizando apreensões em flagrante.

Após a ronda policial, a manhã ainda estava no início e o fotógrafo Emanuel Amaral foi designado para acompanhar outro repórter de texto, na sua diária busca sobre notícias sobre a Dengue. A pauta indicava que o repórter fotográfico e o de texto deveriam realizar uma passagem pelos hospitais de Natal para saber como estava evoluindo o número de casos de dengue na cidade, a estrutura física dos hospitais para atender a alta demanda, se as pessoas estavam sendo realmente atendidas, como as crianças estavam sendo recebidas nos hospitais, saber sobre a incidência de dengue do tipo hemorrágica e como estavam sendo feitos os exames rápidos para diagnosticar o vírus da dengue.

Para a matéria, percorremos quatro hospitais da capital a fim de obtermos mais informações acerca do caso, além de entrevistar algumas pessoas e fazer fotos que denunciasses a situação dos hospitais e pacientes infectados. No dia seguinte a matéria sobre a dengue ganhou lugar de destaque na edição, aparecendo no centro da capa. Duas fotos de Emanuel Amaral foram publicadas na capa e na matéria, conforme imagem a seguir:

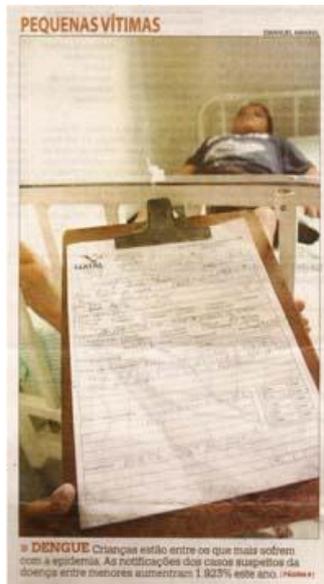


Foto 02: Reprodução da foto de capa de Emanuel Amaral.
Autor: Luciana Salviano.



Foto 03: Emanuel Amaral produzindo a fotografia que seria capa, cuja pauta foi a Dengue.

Autora: Luciana Salviano.

Método do fotojornalista

A rapidez para conseguir a melhor foto, estudo do local para ver qual o melhor ângulo e a melhor iluminação. Alguns segundos definem se sua foto será ou não publicada no dia seguinte. A respeito da composição das fotografias, Guran (1992, p. 23) afirma que:

O ato de fotografar começa pelo reconhecimento do conteúdo de uma situação, ou seja, a seleção do que vai focar, daquilo que é realmente importante em uma cena. É fundamental olhar os quatro cantos do visor e eliminar ao máximo os acessórios, limpando a fotografia de tudo que possa poluir a mensagem principal.

E mesmo sem ter nenhum conhecimento teórico sobre o assunto, é assim que procede Emanuel Amaral. Quando chega ao local da ocorrência já pensa o que pode realizar de novo, de inusitado, o que vai dar o tom especial à foto, em termos de composição e ponto de vista. Para ele cada dia é mais difícil inovar com pautas que se repetem, como o menor de idade, o bandido, o hospital, pautas corriqueiras, mas que precisam de repaginação a cada nova publicação do jornal. Esse é o papel da fotografia: oferecer visual novo às notícias que estamos acostumados a ler.



No caso do adolescente agredido por policiais⁷ o fotógrafo precisou produzir uma fotografia que não demonstrasse constrangimento, pois de acordo com o artigo 17 da lei número 8.069, de julho de 1990, “o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”.

Nesse caso o fotojornalista uma das maneiras que a fotografia do jovem poderia ser feita seria em plano detalhe para que a vítima não fosse identificada. Dessa forma, os olhos machucados seriam o indicativo da agressão. Mas esse é um clichê muito utilizado e todos os fotógrafos tiveram a mesma idéia⁸, porém a foto só foi publicada por um periódico da cidade, o Jornal de Hoje, enquanto a Tribuna Norte preferiu não utilizar a matéria.

No caso da foto de detalhe, para fazer o detalhe o fotógrafo substitui a objetiva, retira a sua 18mm – 55mm e opta por uma teleobjetiva, para capturar um ângulo mais fechado. A respeito da escolha da objetiva, Guran (1992, p. 41) destaca que ela depende de “como o fotógrafo quer abordar a cena ou, mais precisamente de qual aspecto da cena é notícia para ele”. Reafirmando assim a escolha do fotógrafo.

No hospital, o que não pode ser mostrado é desfocado, dando leveza e ao mesmo tempo resignificando a fotografia, que acabou sendo a capa da edição do dia 18 de maio, para a satisfação do seu autor.

A imaginação pode fluir ou não dependendo da pauta. O fotógrafo pode sair com a ideia da foto perfeita na cabeça, mas nada garante que ela irá se concretizar em campo. Uma conversa com o repórter de texto pode ser a luz que o fotógrafo precisa para compor sua foto, pois é essencial que a imagem esteja relacionada com o texto.

A respeito da profissão de repórter fotográfico, Salomon *apud* Guran (1992, p. 53 e 54) faz uma colocação que define muito bem o dia a dia de um fotojornalista, suas dificuldades e anseios:

A atividade de um fotógrafo de imprensa que queira ser mais do que um simples operário é uma luta contínua por sua foto. Do mesmo modo que um caçador vive obcecado pela paixão de caçar, vive o fotógrafo com a obsessão da foto exclusiva que procura obter. É uma batalha sem tregua. Tem de lutar

⁷ O jornal acabou não publicando a matéria. Entretanto jornais como o Diário de Natal e o Jornal de hoje mostraram o caso.

⁸ O Jornal de hoje publicou a foto com o detalhe, que poderia ter sido feita por qualquer repórter fotográfico e publicada em qualquer jornal. Dessa forma, acabou publicando uma fotografia comum.



contra os prejuízos que lhe causam os fotógrafos que ainda trabalham com flash, brigar contra a burocracia, os empregados e os prepostos, a polícia, os agentes de segurança; contra a luz deficiente e as dificuldades que surgem na hora de fotografar gente que não pára de se mover. Tem de captar o momento preciso, quando não se movem. Também tem de lutar contra o tempo, pois cada jornal ou revista tem seu *deadline*. Acima de tudo, o repórter fotográfico deve ter uma paciência infinita, nunca ficar nervoso; deve estar a par dos acontecimentos e saber a tempo onde, quando, e o que vai acontecer. E, ainda por cima, tem de recorrer a todo tipo de argúcias, embora nem sempre se dê bem⁹.

Como vimos acima, muitas dificuldades cercam o ambiente de trabalho dos fotógrafos de imprensa, mas é importante ter boas técnicas, além de saber trabalhar com o equipamento e pensar rápido a composição da fotografia. A utilização do flash às vezes é inevitável, mas estratégias simples podem evitar que a foto seja produzida de forma superexposta e fique muito agressiva aos olhos dos leitores.

Usar o flash como rebatedor de luz é uma maneira que o fotojornalista pode trabalhar e conseguir bons resultados. Quando questionado sobre os ajustes feitos em sua máquina antes de fazer as fotos, tais como abertura do diafragma, tempo de exposição e ISO, ele fez questão de mostrar que só a utilizava em modo manual, par a ter o domínio da produção fotográfica.

Quanto à diferença entre a câmera fotográfica analógica e digital ele pontua: “É muito fácil se dizer fotógrafo com uma câmera digital, difícil é ser bom tendo que utilizar um filme de 36 poses para quatro pautas”. Refere-se à cautela que o fotógrafo deve ter com a fotografia analógica e que além de rapidez, exige do fotógrafo precisão e certeza do que quer fazer a partir da cena enquadrada.

Apesar de muitos fotógrafos ainda gostarem da fotografia analógica, é preciso reconhecer a importância da tecnologia digital no jornalismo atual. Atualmente o fotojornalista tem a possibilidade de fazer inúmeras fotos e enviá-las para a redação ainda no local onde as capturou. Hoje a notícia chega muito mais rápido via Internet. A maioria dos fotógrafos trabalha com um computador portátil. Ao concluir a cobertura fotográfica de uma pauta, descarrega as fotos da câmera no equipamento, seleciona a partir de critérios como a relação com o texto e a pauta, envia para a redação a fim de que possam ser postadas no site do periódico. Uma maneira de agilizar, facilitar e melhorar o trabalho de quem está na redação e precisa divulgar a notícia.

⁹ O Dr. Erich Salomon escreveu este texto em 1931, como prefácio ao livro *Contemporâneos célebres fotografados em momentos inesperados*, e como podemos ver, ainda é atual, e mostra que os problemas enfrentados pelos repórteres fotográficos ainda são os mesmos de 80 anos atrás.

O trabalho na redação

Logo após a cobertura das pautas, o repórter fotográfico retorna para a redação a fim de finalizar o seu trabalho: a seleção e edição das fotos. Muitos consideram mais interessante estar nas ruas, explorando os melhores ângulos, os melhores enquadramentos, mas o trabalho de edição faz parte da sua rotina, sendo a última tarefa realizada durante seu expediente no jornal.

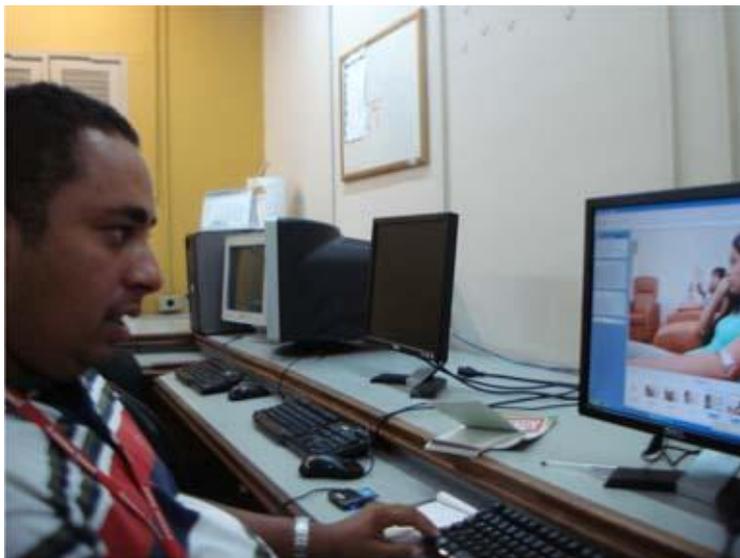


Foto 04: Emanuel Amaral trabalhando no processo de edição das fotografias a serem publicadas.

Autora: Luciana Salviano.

Na redação ele separa as pautas que cobriu durante o dia e começa a seleção. Ele conta que no início era difícil deletar suas fotos, pois cada uma delas era produzida com muito apreço, mas agora já produz com um senso crítico direcionado e adquiriu o hábito de excluir aquelas fotografias que considera menos importantes para o seu trabalho, faz uma pré-seleção do que irá mandar para a editora de fotografia, e depois exclui as demais. Para isso utiliza critérios básicos como fotos repetidas, enquadramentos que não ficaram convenientes, ângulos que não foram tão bem estudados e as fotos que não estão com a iluminação ideal.

Como já está acostumado com o trabalho e conhece a linha editorial que deverá seguir, fica mais fácil selecionar. Sobre essa discussão Guran (1992, p. 54 e 55), traz uma reflexão: “a escolha das fotos a serem publicadas é talvez o momento em que o



editor de fotografia é mais necessário”, já que é ele quem compara o texto com as imagens e seleciona aquela mais adequada.

O processo final de seleção não é feito na presença do fotógrafo, essa tarefa é realizada pelo editor de fotografia, que também é responsável pela diagramação e elaboração das legendas. Nesse momento a responsabilidade passa para a editoria de fotografia. É esta quem vai inserir a fotografia no contexto ilustrativo da notícia, para corroborar com a qualidade da notícia. A fotografia bem elaborada e bem editada pode tornar a notícia mais importante para o leitor. Giacomelli (2008, p. 33) traz um relato que depõe a esse favor.

Em meados da década de 80, em veículo impresso de circulação diária de Santa Catarina, onde exerci a função de repórter fotográfico, um acontecimento importante só se transformava na manchete principal caso tivesse sido fotografado. Sem uma imagem fotográfica, aquela notícia perderia destaque e seria impressa no pé de alguma página interna. Tal fato ocorria mesmo que o acontecimento fosse importante e preenchesse os principais critérios de noticiabilidade.

Considerações finais

No contexto geral da nossa discussão inferimos que o fotojornalismo cada vez mais vem ganhando destaque e importância em qualquer editoria no jornalismo, quer seja na mídia impressa ou digital.

Observamos que o profissional do fotojornalismo no jornal Tribuna do Norte formação de possui origem autodidata, com raros e eventuais casos em que este possui formação acadêmica. Atualmente todos os fotógrafos deste jornal trabalham com equipamento digital e suas fotografias são utilizadas tanto para as publicações da mídia impressa como também da mídia digital.

Mesmo com a chegada da tecnologia digital a dinâmica da redação continua intensa, apesar de não mais existir a produção das fotografias analógicas. Observamos que mesmo assim continua a correria da produção da notícia, a busca por novas maneiras de pensar na fotografia, a agilidade com que o profissional deve realizar suas fotos e a dinamicidade do trabalho. Com a tecnologia digital ficou mais conveniente produzir fotografia para notícia, tendo em vista a facilitação na edição, que é precedida por uma seleção feita pelo fotógrafo com as fotografias ainda na máquina.



REFERÊNCIAS

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1995. 210p.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. 3. ed. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: papirus, 1993.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. In: *Discursos fotográficos*, UEL: Londrina, v.4, n.5, p.13-36, jul-dez, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó:Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Porto: Universidade Fernando Pessoa. 2002.

SOUGEZ, Marie-Loup. *História da fotografia*. Lisboa: Edições Cátedra, 1996.